

La escuela zapatista, dez anos depois

Ana Lilia Félix Pichardo*

Neste janeiro se completaram 30 anos do levante armado zapatista. A partir de 1º de janeiro de 1994, o EZLN¹ ficaria mundialmente conhecido como o exército indígena camponês que desafiou o governo mexicano no marco do NAFTA², o acordo comercial entre os EEUU (Estados Unidos da América), Canadá e México, que dava fim aos últimos resquícios da reforma agrária revolucionária e acrescentava as políticas neoliberais no país. Nesse caminho de 30 anos de vida pública, o projeto zapatista tem se transformado, começando com uma declaração de guerra contra o governo, passando pela tentativa de diálogo com o Estado e os atores políticos do México, até chegar a construir uma autonomia política e econômica nos territórios de sua influência no estado de Chiapas, no sudeste mexicano.

Depois da traição da classe política, de não tornar lei o projeto emanado dos diálogos de *San Andrés Sakamch'en de los Pobres*, no qual foi reconhecida a liberdade dos povos de se autogovernar e mandar nos seus territórios, o EZLN decidiu desenvolver uma autonomia baseada no princípio e no direito à autodeterminação, independentemente do governo não o reconhecer. Assim, o zapatismo cumpriu por conta própria as treze demandas que foram sua motivação de luta para o levante armado: terra, trabalho, saúde, educação, moradia, alimentação, independência, democracia, liberdade, informação, cultura, justiça e paz.

A interlocução com o governo e com a classe política *partidista* foi encerrada pelo porta-voz do zapatismo, o Subcomandante Marcos, quem acentuou que a comunicação do EZLN seria com a sociedade civil organizada, com as organizações e coletivos de luta, e com as pessoas interessadas em participar e serem solidárias. Junto a esses atores anônimos da sociedade civil mexicana e internacional, o zapatismo tem tentado desde 1994 multiplicar as vias de contato e troca de reflexões, assim como as parcerias de apoio às comunidades e mostras de solidariedade mútuas. Eventos no território e fora dele têm sido cenário para o encontro entre zapatistas e seus apoiadores, como festivais, colóquios, fóruns, seminários, assim como encontros de mulheres, ciência, cinema e artes.

Com o passar dos anos e dos passos políticos do EZNL, a sociedade civil como destinatária das iniciativas do zapatismo desapareceu ou se transformou, chegando a se constituir num interlocutor delineado como *La sexta*. Pessoas, organizações e coletivos que aderiram ao pronunciamento de corte anticapitalista, realizado em 2005, *A Sexta Declaração da Selva Lacandona*, seriam desde então os interlocutores principais do zapatismo. O foco deste trabalho é a iniciativa que foi conhecida como *La escuela zapatista*, realizada há onze anos no território zapatista, cujos principais destinatários foram os membros de *La Sexta*. Como tal, este texto pretende ser uma resenha crítica

* Doutoranda UFSC. E-mail: ana_lilia199@hotmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-3051-0506>.

¹ Exército Zapatista de Libertação Nacional

² Por suas iniciais em inglês: *North American Free Trade Agreement*.

do que significou fazer parte de *La Escuelita*, tentando construir uma voz coletiva a partir das vozes de outros companheiros e companheiras, que acudiram também como parte da Sexta nacional e internacional.

Como parte das obrigatórias reflexões coletivas do que temos aprendido do zapatismo nesses 30 anos de caminhar coletivo, lembrar o que significou *La Escuelita* é imprescindível para refletir sobre a ética política zapatista e suas práticas anticapitalistas. O tom da presente resenha é resultado também de uma aprendizagem sob a forma poética comunicativa do EZLN, que mistura sentimentos, reflexões, vozes coletivas, memórias e pensamentos teóricos. Algumas das vozes aqui analisadas fazem parte de um projeto de pesquisa que incluiu entrevistas com membros da Sexta, participantes da iniciativa de *La Escuelita*. Porém, o texto não tenta mais que rememorar a experiência desde um ponto de vista militante, que valoriza o convite das comunidades e a partilha das suas práticas conosco.

Entre agosto, dezembro e janeiro de 2013 e 2014, mais de três mil pessoas fizeram parte da *Escuelita zapatista* como alunos dos altos comandos do EZLN, quer dizer, os homens e mulheres das comunidades, das bases de apoio. A iniciativa da *Escuelita* representa um divisor de águas na caminhada zapatista, após dezenove anos de luta política e de tentativas de criar pontes com os sujeitos invisíveis do mundo. E depois de dez anos da fundação dos caracóis zapatistas como projeto territorial de autonomia em 2003, visando compartilhar suas experiências de luta, as comunidades convocaram o curso “A liberdade segundo os zapatistas”. A ideia nasceu desde os menores vilarejos que compõem a territorialidade autônoma e foi percorrendo assembleias, povoados, municípios, até chegar aos caracóis e sair do território zapatista através de diversos convites. Principalmente, se convidou os membros de *La Sexta nacional e internacional*, mas também ficou aberta a possibilidade de qualquer pessoa ou coletivo participar do curso e da experiência.

A iniciativa mobilizou internamente gerações de zapatistas das até então cinco zonas, ou regiões, denominadas caracóis³: *Oventik, La Realidad, Roberto Barrios, La Garrucha e Morelia*. O propósito era compartilhar com os alunos da *Escuelita* as experiências de viver lutando, da caminhada dos povos zapatistas para chegar a construir um mundo novo e próprio, em suma, de autonomia. Para isso, a memória coletiva tinha uma enorme tarefa: tecer as lembranças dos idosos, veteranos do levante armado de 1994 e sobreviventes da vida nas fazendas, testemunhas do processo de organização na clandestinidade, com as novas gerações que nasceram na autonomia: jovens que aprenderam as tarefas do autogoverno e a *outra economia*. O modo zapatista guiou essa proposta desde sua preparação até sua execução. O modo zapatista, como uma epistemologia coletiva e dinâmica, envolveu homens e mulheres das cinco regiões em longas assembleias para trocar lembranças, discutir ideias, e organizar a palavra que seria compartilhada com os alunos. Enquanto os jovens zapatistas também recebiam

³ Em 2003 foi anunciado o nascimento dos cinco caracóis zapatistas, que representavam a rearticulação territorial e política do zapatismo na ideia de consolidar o projeto autônomo. Em 2019, o EZLN anunciou a criação de sete novos caracóis, quatro municípios autônomos a mais e a denominação de “Centros de resistência autônoma e rebeldia zapatista”. Em 2023, o EZLN comunicou uma nova reorganização e nomenclatura para suas territorialidades, pondo fim aos Municípios Autônomos e às Juntas de bom governo. Porém, mantendo a nomenclatura dos caracóis.

a memória como presente dos idosos, as famílias, comunidades e *votanes* se organizavam materialmente para receber os mais de três mil alunos que chegariam aos povoados e aldeias do território, desde as mais próximas dos centros organizativos até as mais distantes e de difícil acesso.

Votan é uma palavra que provém da língua indígena *maya* e significa guardião da floresta, coração coletivo. Os zapatistas chamaram assim os homens e mulheres, a maioria jovens, que iam ser a ponte entre os alunos e as famílias zapatistas. Os *votanes* se prepararam para responder às dúvidas dos estudantes, cuidar de suas saúde e segurança, ajudá-los em qualquer momento, além de serem uma espécie de tradutores e intérpretes não só linguísticos, senão culturais:

Aqui, na medida do possível, eles sempre falarão com você em sua língua materna. Somente o *votan* pode falar com você em castelhano. Dessa forma, você entenderá o que acontece quando um indígena tenta falar no idioma dominante. (Marcos, 2013)

Cada estudante teve a si atribuído um *votan* que o acompanhou na sua estadia no território zapatista. Os *votanes*, pelo menos bilíngues, representam essa geração de jovens zapatistas cuja educação foi recebida nas escolas autônomas, criadas pelos próprios zapatistas, cujos conteúdos são baseados nos objetivos do projeto político.⁴ Assim, cada estudante esteve acompanhado do seu *votan* e viveu o dia a dia com uma família zapatista; tornou-se mais um nos trabalhos familiares e coletivos, participou das assembleias ou festas que a comunidade realizou, e ainda leu e discutiu os cadernos de trabalho. Os temas propostos para os cadernos de trabalho foram: Governo autônomo I, Governo autônomo II, Resistência autônoma e participação das mulheres no governo autônomo.

La Escuelita consistiu em que os alunos, membros da Sexta nacional e internacional, acudiram ao território zapatista para viver e fazer parte da comunidade, como membro de uma família zapatista. Durante pelo menos cinco dias, os alunos conviveram no povoado e se integraram às atividades cotidianas das famílias, aprendendo que a resistência se radica no dia a dia da organização, no trabalho, na tomada de decisões nas assembleias, nos trabalhos produtivos e na coletivização das atividades. Nessa experiência, o espaço escolar se tornou a família e a comunidade; já os professores, foram as famílias que receberam os estudantes; o *votan*, por fim, representou a ponte comunicativa entre professores e alunos. Isto é, uma espécie de intérprete, tradutor cultural e guia durante a estadia do aluno no território zapatista. O conteúdo pedagógico tratou da prática de viver como vivem as comunidades em resistência, trabalhando e organizando a vida coletiva num contexto de guerra de baixa intensidade. Além disso, os zapatistas tentaram sistematizar nos cadernos de trabalho os principais eixos da autonomia, materiais que foram resultado das trocas de memórias de diferentes gerações nas assembleias preparatórias da *Escuelita*.

⁴ Os zapatistas desenvolveram seu próprio projeto de educação, saúde e justiça. Nos territórios de influência zapatista não funciona o sistema estatal de educação nem de saúde ofertados pelo Estado e governos oficiais. Os zapatistas criaram suas próprias escolas, centros de saúde e espaços de resolução de conflitos, e os eixos de sua autonomia se mantêm com o trabalho coletivo das comunidades e com a solidariedade externa de apoiadores. As crianças zapatistas recebem uma educação chamada autônoma, não só pelos conteúdos, senão porque o sistema inteiro de educação é resultado do trabalho político e econômico das comunidades em resistência.

A ideia das comunidades era compartilhar o seu próprio olhar sobre como se faz a luta, e para isso abriram seus mais profundos espaços políticos, desde onde a transformação das relações sociais acontecem: os núcleos familiares e comunitários. Nem antes nem depois da *Escuelita*, os espaços comunitários de base foram abertos deliberadamente para os apoiadores do zapatismo. O trabalho com a sociedade civil e depois com a *Sexta* ocorreu principalmente nos locais dos caracóis, com objetivos específicos. Por isso, a abertura dos espaços familiares foi também um presente e uma possibilidade não só de observar, mas de experimentar a luta diária das bases de apoio zapatista. A criação de novas relações sociais em chave anticapitalista se baseia no cotidiano, e a construção da autonomia se radica nas mais simples coisas do dia a dia. Se foram fundamentais o levante armado e a preparação na clandestinidade, isto é, o preparar-se para morrer, depois o mais difícil foi se preparar para a vida em si. Essas duas situações foram mostradas aos alunos: a primeira como a memória tecida pelos mais velhos, a memória coletiva da luta que permanece como um *continuum* na resistência contra a guerra de baixa intensidade; e a segunda, a construção de uma nova e rebelde forma de vida, que foi mostrada a partir do cotidiano das famílias e povoados. A mudança das relações produtivas e reprodutivas é um processo permanente, que se tece de maneira coletiva nessa lógica zapatista da palavra verdadeira como espaço de discussão e acordo, e que sustenta seu projeto político e econômico.

A poética do discurso zapatista tomou forma na materialidade vivida pelos estudantes nos povoados. Essa outra forma de fazer política, escutada ou lida muitas vezes nas comunicações zapatistas, estava ali na tomada de decisões nas famílias, na comunidade, nos trabalhos produtivos e nas cooperativas, como uma maneira horizontal de escutar o sentir de todos e de construir acordos. Trata-se dos sete princípios do mandar-obedecendo⁵ vividos na prática junto às famílias, como está expresso nas palavras de um dos companheiros que entrevistei: “porque os *compas* te ensinam fazendo junto as coisas, te levam e fazem contigo a *milpa*⁶, ‘assim funciona, assim faz mal para a sementeira’. Te ensinam com o corpo”. A iniciativa da *Escuelita* foi uma série de aprendizagens que foram desde conhecer as dificuldades das regiões para se manterem em comunicação, os tempos e as distâncias entre um vilarejo de uma zona até outro povoado em outro caracol; foi compreender os caminhos que a palavra zapatista percorre antes de sair do território e ser comunicada aos coletivos e organizações. A temporalidade dos povos é outra, se constrói além da lógica do tempo como mercadoria e dos corpos como mercadorias que produzem outras mercadorias.

Durante nossa estadia trabalhamos juntos nos projetos produtivos de cada comunidade, de acordo com a diversidade de cada região e povoado. Existem trabalhos cooperativos que são realizados em coletivo, seja pelas famílias como núcleo primário, por coletivos dentro dos povoados, ou ainda pela comunidade inteira. Ao mesmo tempo, há projetos produtivos que se trabalham a nível municipal ou regional. O trabalho sempre se realiza de maneira coletiva e com objetivos não só de sobrevivência,

⁵ Os princípios são: (1) servir e não ser servido, (2) representar e não substituir, (3) construir e não destruir, (4) obedecer e não comandar, (5) propor e não impor, (6) convencer e não derrotar, e (7) descer e não subir.

⁶ A *milpa* é um espaço onde são semeados alimentos básicos para autoconsumo, como milho, feijão, café, hortaliças e legumes; a sementeira de vários produtos é realizada de forma tradicional, evitando o uso de pesticidas.

mas de dar suporte às áreas da autonomia: a saúde, a educação e a justiça. O trabalho é principalmente agrícola, já que as comunidades zapatistas são fundamentalmente camponesas e a autonomia se baseia na produção e no consumo de alimentos básicos dentro das aldeias. A terra, quando possível, é trabalhada coletivamente, mas as famílias também têm seus próprios pequenos lotes de terra onde cultivam milho, feijão, legumes, café e frutas. Nas comunidades visitadas, além do trabalho de *milpa*, havia cooperativas de pão, mantimentos, criação de galinhas e perus, criação e venda de vacas, transporte autônomo e armazéns. Essas atividades eram realizadas coletivamente pelas mulheres, por alguns membros da comunidade ou por todas as famílias.

O projeto zapatista tenta consertar a divisão que o capitalismo faz entre economia e política. Todo trabalho tem como objetivo manter o projeto autônomo em suas diversas áreas. As comunidades têm se mantido à margem do Estado, enquanto a estrutura estatal mantém uma dinâmica de guerra de baixa intensidade contra elas. Escolas, postos de saúde, transportes, hospitais e auditórios são produto do trabalho das comunidades, tudo feito sem ajuda governamental ou dos partidos políticos, o que implica uma das posições do zapatismo de se manter contra a articulação dos poderes de fato do Estado. Os zapatistas têm levado a autonomia a um ponto radical que os coloca na condição de criarem suas próprias formas de vida, embora isso implique uma resistência constante contra as tentativas de extermínio do seu projeto autônomo. Todo trabalho coletivo contribui com o funcionamento dessa forma autônoma de governo, dos sistemas de educação e de saúde. Por isso, a tomada de decisões laborais também tem um caráter político, e não apenas econômico, pois a organização dos projetos coletivos visa a consecução de necessidades materiais e de objetivos organizacionais.

O que vimos e vivemos nesses dias foi essa maneira diária de organizar a vida coletiva, o trabalho, o tempo livre e as relações dentro da comunidade e das famílias. Segundo a região e a localidade, os projetos cooperativos variavam, assim como as atividades organizativas:

Os dias eram mais ou menos assim, sempre a mesma coisa, com exceção de um dia em que havia algo especial [...] e meu tutor levava muito a sério aquele horário, o horário de estudo, eu tinha que parar o que estava fazendo e sentar lá e ler o livro junto com ele. (Informante 10, 2020)

Depois da criação dos caracóis em 2003 as cinco zonas ficaram mais conectadas, mas a diversidade cultural e as condições naturais do território determinam ritmos de organização diferentes. Cada município ou comunidade tem suas formas de se organizar, o que ficou perceptível ao comparar as observações de alunos que estiveram em diferentes localidades. A importância do trabalho interno é que gera apoio mútuo entre os diversos territórios, sob uma lógica de coletividade.

Fazer parte da *Escuelita* significou receber esses conhecimentos coletivos das comunidades, podendo viver a prática zapatista como mais um membro daquelas famílias. Os colegas com quem falei concordaram comigo em relação ao afeto que recebemos das mulheres e homens zapatistas. Além disso, era notável a preocupação pela segurança dos visitantes durante sua estadia, por parte dos *votanes*. A possibilidade em si de poder chegar até as regiões mais distantes do território autônomo dá a dimensão da organização por detrás de uma iniciativa como foi a *Escuelita*. Ali tudo estava pensado e organizado para poder receber essa quantidade de pessoas nos territórios,

tendo a capacidade de alimentar e cuidar de todos os estudantes. Nem antes nem depois da iniciativa de 2013 as comunidades tinham aberto essa possibilidade de chegar até os núcleos mais íntimos da luta, o que pode parecer algo simples, mas que representavam o que há de mais poderoso e que dá sustento ao projeto. Ter essa experiência representou vivenciar a prática da ternura como projeto político, onde as famílias e *votanes* escutavam com respeito cada estudante, pois para eles significava uma janela pra conhecer as lutas de outros territórios, de outros mundos:

Meu *votan* era muito jovem, tinha uns quinze ou dezesseis anos. Eu tinha um livro com um mapa e queria mostrar a ele de onde eu vinha, porque ele me perguntou de onde eu vinha e eu disse “sou do Brasil”, mas ele não sabia onde ficava o Brasil. Ele me fez perguntas sobre o que eu estava fazendo lá, e eu lhe disse o que era o Movimento Sem Teto; ele ficou muito curioso. (Informante 10, 2020)

Os professores, quer dizer os membros das famílias zapatistas, também tentavam aprender daqueles que recebiam nas suas casas:

Eles começaram a fazer muitas perguntas: “como é o lugar onde você mora, como está a luta e que dificuldades você tem; o que você faz?” Então você conversava com eles e eles ficavam muito interessados [...] para eles, era uma perspectiva diferente do mundo que eles não julgavam, mas tentavam entender. (Informante 2, 2020)

Foi uma troca de olhares, de conhecimentos e de afetos, onde é possível acreditar que se outros mundos são possíveis eles têm que ser construídos com afeto e empatia, e que a ternura cria mais possibilidades de luta do que qualquer arma. O que aprendemos deles foi talvez desaprender aquilo que outras formas de fazer a luta ou a revolução afirmam: que o amor é uma debilidade burguesa, que as diferenças sexuais são desvios ideológicos, que a mudança do mundo acontece só no dia da revolução e que só depois disso se vai lutar contra todas as formas de dominação... Ou seja, os zapatistas mostraram sua luta para nós e nos convidaram a imaginar nossas próprias formas para lutar, cada um do seu jeito, seu tempo, suas forças e seu coração:

Que eu soubesse que eles saíram do quarto deles para me dar conforto, quando? Quando no mundo você já viu isso? “Ei, venha, vou lhe mostrar como estou construindo outro mundo, vou lhe dar tudo o que tenho”. E ser dito assim francamente [...] foi sentir isso no meu coração. (Informante 2, 2020)

Em 2019 e 2020 entrevistei colegas do México e do Brasil que foram alunos da *Escuelita*, todos eles com trajetórias militantes em diferentes coletivos, organizações e causas políticas. Após a *Escuelita*, cada um voltou ao seu território tentando pôr em prática não uma fórmula de fazer a luta, de promover a revolução, senão de caminhar de outro modo, com um olhar posto nos outros como ética política. Do zapatismo se aprendem muitas coisas, mas acredito que eles não querem ser um exemplo para ninguém, nem que sua experiência seja replicada. Ao contrário, apelam constantemente à narrativa do pequeno, da margem ou do subterrâneo, vindo dos porões do mundo, como eles dizem. O que mostram com sua vida diária, que está cheia de resistência e de rebeldia, é que existem possibilidades de viver de outro modo, de construir a vida em coletivo contra a lógica dos padrões e dominadores. Depois de dez anos, as comunidades se mantêm caminhando, resistindo às tempestades e construindo uma vida

coletiva, mas não sem enfrentar um permanente assédio militar e paramilitar nos territórios. Temos que pontuar isso cada vez que se fala da experiência maravilhosa da autonomia zapatista.

Nesses anos, aconteceram dois encontros internacionais de mulheres que lutam (2018 e 2019), os festivais de arte CompArte pela humanidade (2016, 2017 e 2018), os encontros de dança e de teatro Dança-te outro mundo (2019), os encontros do pensamento crítico e cientistas para pensar outra ciência em favor da humanidade e contra o capitalismo (2015 e 2016) e a viagem pela *outra Europa* (2021). As mudanças geracionais dentro do território dão conta de que aqueles jovens, que foram nossos guardiões na *Escuelita*, logo viraram promotores de saúde, de educação ou autoridades autônomas; que as meninas que moraram conosco nas famílias depois foram as encarregadas de organizar os encontros de mulheres e protagonizaram peças de teatro e dança nos festivais. No entanto, os territórios vivem, entre um governo federal e outro, a reconfiguração de uma guerra de baixa intensidade que afeta a vivência diária das famílias e das comunidades. Os projetos extrativistas de um governo que se diz progressista e de esquerda têm cercado as comunidades pela passagem do chamado trem maia, um megaprojeto turístico e de reconfiguração territorial que percorre o território sudeste mexicano.

Os outros mundos são como eles nos mostraram, uma luta permanente, e não a consecução de um desafio de uma revolução triunfante. Não só porque as faces do capital mudam e se adaptam, senão porque as populações também se transformam e as novas gerações de zapatistas criarão suas maneiras de lutar, possivelmente diferentes das dos seus pais e avós. Longe de idealizar as lutas pelos mundos possíveis torna-se mais difícil imaginar experiências de lutas que nos coletivizem. Diante da sobrevivência diária nos não-lugares, a crueldade se torna a moeda de troca entre os invisíveis do mundo. Mas apelar à ternura como prática de uma ética política anticapitalista sempre será subversivo e muito do jeito zapatista.

Referências

INFORMANTE 2. Entrevistas orais realizadas pela autora, 2019.

INFORMANTE 3. Entrevistas orais realizadas pela autora, 2019.

INFORMANTE 10. Entrevistas orais realizadas pela autora, 2019.

MARCOS, S. Votán II. L@s guardian@s. México: Enlace Zapatista, 2013. Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2013/07/30/votan-ii-ls-guardians/>>. Acesso em: 15/05/2024.

Recebido em 29 de fevereiro de 2024

Aprovado em 26 de março de 2024